

LAZER E RELAÇÕES RACIAIS NO BRASIL: INTERFACES ENTRE IDENTIDADE NEGRA E DIREITOS SOCIAIS

LEISURE AND RACE RELATIONS IN BRAZIL: INTERFACES BETWEEN BLACK IDENTITY AND SOCIAL RIGHTS

OCIO Y RELACIONES RACIALES EN BRASIL: INTERFACES ENTRE LA IDENTIDAD NEGRA Y LOS DERECHOS SOCIALES

Ruhena Kelber Abrão

<https://orcid.org/0000-0002-5280-6263> 

<http://lattes.cnpq.br/5372413745002335> 

Universidade Federal do Tocantins (Palmas, TO – Brasil)

kelberabrazao@gmail.com

Caio Vinicius Freitas de Alcântara

<https://orcid.org/0009-0009-9033-0321> 

<http://lattes.cnpq.br/6227966131100620> 

Universidade Federal do Tocantins (Palmas, TO – Brasil)

caio_alcantara123@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo mapear a produção acadêmica sobre as relações entre a população negra e o direito ao lazer, publicada nas revistas Licere e RBEL. A justificativa baseia-se na necessidade de compreender como as temáticas étnico-raciais são tratadas no campo dos estudos do lazer, especialmente em periódicos de referência nacional. A pergunta central da pesquisa foi: "Como as relações entre a população negra e o lazer têm sido abordadas nas produções acadêmicas dessas revistas?". A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e análise de conteúdo, baseada em critérios de seleção com palavras-chave relacionadas à negritude e lazer. Os resultados revelam que, embora haja avanços nas discussões sobre diversidade e inclusão, ainda é reduzido o número de estudos que abordam as experiências negras no lazer. As temáticas mais recorrentes incluem racismo recreativo, identidades negras e acesso a políticas públicas, indicando lacunas relevantes para pesquisas futuras.

Palavras-chave: Lazer; População Negra; Análise Bibliográfica.

Abstract

This article aims to map the academic production on the relationship between the Black population and the right to leisure, as published in the journals Licere and RBEL. The justification lies in the need to understand how ethnic-racial themes are addressed in the field of leisure studies, especially in nationally recognized journals. The central research question was: "How have the relationships between the Black population and leisure been addressed in academic productions in these journals?" The methodology used was bibliographic research with a qualitative approach and content analysis, based on selection criteria involving keywords related to Black identity and leisure. The results show that, although there has been progress in discussions on diversity and inclusion, the number of studies specifically addressing Black experiences in leisure remains limited. The most frequent themes include recreational racism, Black identities, and access to public leisure policies, indicating important gaps for future research.

Keywords: Leisure; Black Population; Bibliographic Analysis.



Resumen

Este artículo tiene como objetivo mapear la producción académica sobre las relaciones entre la población negra y el derecho al ocio, publicada en las revistas *Licere* y *RBEL*. La justificación se basa en la necesidad de comprender cómo se abordan las temáticas étnico-raciales en el campo de los estudios del ocio, especialmente en revistas de referencia nacional. La pregunta central de la investigación fue: “¿Cómo se han abordado las relaciones entre la población negra y el ocio en las producciones académicas de estas revistas?”. La metodología utilizada fue la investigación bibliográfica con enfoque cualitativo y análisis de contenido, basada en criterios de selección con palabras clave relacionadas con la negritud y el ocio. Los resultados revelan que, aunque ha habido avances en las discusiones sobre diversidad e inclusión, todavía es reducido el número de estudios que tratan específicamente las experiencias negras en el ocio. Las temáticas más recurrentes incluyen el racismo recreativo, las identidades negras y el acceso a políticas públicas de ocio, señalando vacíos importantes para futuras investigaciones.

Palabras clave: Ocio; Población Negra; Análisis Bibliográfica.

INTRODUÇÃO

O campo dos estudos sobre o lazer tem se consolidado como espaço fundamental para a análise das dinâmicas sociais, culturais e políticas que permeiam o cotidiano dos indivíduos e coletividades (Tavares *et al.*, 2023). Nelson Carvalho Marcellino (2002), destaca o lazer para além da simples ocupação do tempo livre, enfatizando-o como uma prática social complexa que pode atuar como instrumento de formação social, crítica e emancipação dos sujeitos. Segundo o autor, o Lazer está intrinsecamente ligado à democratização do espaço social e à construção da cidadania, sendo afetado por determinantes como classe social, gênero, idade, e, fundamentalmente, raça. Nesse sentido, a compreensão do lazer como direito social impõe a necessidade de observar as múltiplas formas de exclusão que permeiam seu acesso e sua fruição, especialmente no contexto brasileiro marcado por desigualdades históricas e estruturais.

Nesse sentido, Fernando Mascarenhas (2012) problematiza o fenômeno do “mercolazer”, um conceito que evidencia a mercantilização do tempo de lazer e sua submissão às lógicas do mercado capitalista. Para Mascarenhas, o lazer deve se constituir como uma prática de resistência e emancipação, a “lazeraria”, que possibilita a criação de espaços e tempos de liberdade e criatividade, ressignificando a experiência do lazer como ato político e cultural. Essa perspectiva ressalta a importância de considerar as condições concretas de acesso e as diferenças sociais que atravessam o direito ao lazer, colocando em evidência a necessidade de análises interseccionais.

No Brasil, um país marcado por profundas desigualdades raciais, a relação entre lazer e negritude tem sido objeto de crescente interesse acadêmico, embora ainda haja uma escassez de estudos que analisem especificamente essa intersecção. Dores *et al.* (2021) apontam para um “epistemicídio” no campo dos estudos do Lazer, no qual as vozes e





experiências negras são frequentemente marginalizadas ou invisibilizadas nas produções acadêmicas. Os autores ressaltam que, apesar da diversidade cultural e da rica produção identitária negra, o campo do Lazer permanece marcado pela ausência de um olhar crítico e sistemático sobre as especificidades das experiências da população negra, especialmente no que tange ao acesso, à apropriação dos espaços e às formas de sociabilidade.

Todavia, a partir de 2020, observa-se um crescimento de pesquisas que tentam preencher essas lacunas. A exemplo disso, Chaves (2021) discute o papel das danças afrodescendentes como práticas de Lazer que promovem o empoderamento social e a construção identitária em comunidades periféricas, mostrando como esses movimentos culturais atuam como espaços de resistência contra a invisibilidade racial. Do mesmo modo, Fernandes e Falcão (2022) analisam a apropriação dos espaços públicos por jovens negros em festividades populares, ressaltando a função do Lazer como mecanismo de reapropriação territorial e afirmação identitária e destacam ainda que a mercantilização do Lazer, por si só, configura-se como mecanismo de segregação racial pois inviabiliza tipos de Lazer específicos para populações socialmente desfavorecidas, tanto geograficamente quanto ideologicamente. Esses estudos evidenciam que o Lazer, para além do aspecto recreativo, assume uma dimensão política e cultural essencial na luta contra o racismo estrutural.

Ademais, pesquisas como as de Gomes e Uvinha (2022) destacam as barreiras enfrentadas pela população negra no acesso a espaços públicos de lazer, reforçando que o racismo estrutural se manifesta também na exclusão desses ambientes. Mais recentemente, Paula (2024) exploraram o papel das agremiações negras históricas, como o Ilê Aiyê, evidenciando a importância do Lazer na formação cultural e política da negritude no Brasil pós-abolição, demonstrando que essas práticas são centrais para a preservação da memória e da identidade negra.

Nesse viés, tais produções indicam que o lazer não é um campo neutro ou homogêneo, mas sim um espaço em que se reproduzem e, simultaneamente, contestam as desigualdades raciais. Diante disso, torna-se imprescindível a reflexão crítica acerca da temática. Assim, o mapeamento de revistas especializadas como *Licere* e *RBEL*, que são referências nacionais na área dos estudos do lazer, vêm a subsidiar o interesse na promoção de Lazer em seu sentido mais democrático da palavra, sendo importante veículo lúdico e desinteressado, mas que também traz caráter cultural, regional e de protesto contra as desigualdades sociais.





Por conseguinte, a questão norteadora deste estudo é: **como as relações entre a população negra e o lazer vêm sendo tratadas nas produções acadêmicas publicadas nas revistas Licere e RBEL?** O mapeamento dessas publicações tem vistas a identificar as principais tendências, lacunas e contribuições do campo, evidenciando a necessidade de aprofundar as investigações que abordem a interseção entre lazer, raça e direitos sociais.

Este artigo, portanto, objetiva contribuir para a ampliação do debate sobre lazer e negritude, destacando a importância de políticas públicas inclusivas e da produção acadêmica comprometida com a visibilidade e o reconhecimento das diversidades étnico-raciais no campo do lazer no Brasil.

METODOLOGIA

Este estudo parte do método de pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa, que teve como objetivo mapear e analisar as produções acadêmicas que discutem as relações entre população negra e lazer nas revistas *Licere* e *RBEL*. A pesquisa bibliográfica é um procedimento metodológico fundamental para a compreensão do estado da arte em determinado campo, possibilitando a identificação de tendências, lacunas e contribuições teóricas e empíricas em áreas do conhecimento (Gil, 2008). Logo, a utilização desse modelo de pesquisa viabiliza uma abordagem mais abrangente acerca do tema em voga, agrupando diversas pesquisas e proporcionando dialética entre elas.

A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar uma análise interpretativa e crítica dos conteúdos encontrados, priorizando a compreensão dos significados, das temáticas e dos enfoques adotados nos textos selecionados. Essa escolha permite ir além da simples quantificação, favorecendo a interpretação detalhada das perspectivas apresentadas (Minayo, 2017).

A coleta de dados para esta pesquisa foi realizada entre os meses de fevereiro e março de 2025, nas bases das revistas *RBEL* e *Licere*. Esse período foi dedicado à busca, seleção e organização dos artigos que abordam as relações entre a população negra e o direito ao lazer. A escolha dessas revistas se deu por sua relevância no campo dos estudos do lazer no Brasil. A partir de critérios previamente definidos, foram utilizadas palavras-chave relacionadas à negritude e ao lazer para identificar as produções acadêmicas pertinentes ao objeto de estudo.





Nesse sentido, para a seleção dos artigos, foram utilizados critérios baseados na busca por palavras-chave (descritores) relacionadas à negritude e lazer nas plataformas digitais das revistas Licere e RBEL. Os descritores utilizados na pesquisa foram: ("negritude" OR "população negra" OR "raça") AND "lazer", buscando garantir a abrangência dos temas relacionados à raça e às práticas de lazer. Após a pesquisa inicial nas revistas eletrônicas, foram encontrados 56 artigos na Licere e 10 na RBEL. No entanto, muitos dos textos localizados, embora contenham os descritores buscados, não apresentavam relação direta com o objeto de estudo, tratando os termos de forma superficial, tangencial ou em contextos distintos do recorte temático proposto. Por essa razão, após a leitura dos títulos e resumos, foram selecionados apenas 5 artigos para análise integral, por apresentarem efetiva pertinência às discussões sobre o lazer articuladas às questões étnico-raciais.

Após a coleta dos textos, foi aplicada a análise de conteúdo conforme metodologia de Bardin (2016). A análise de conteúdo consiste em um conjunto de técnicas para a análise das comunicações que visa, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos, a descrição do conteúdo das mensagens e a interpretação dos seus significados. Com isso, o processo seguiu as etapas propostas por Bardin (2016): pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Na pré-análise, realizou-se a organização do corpus, leitura flutuante e definição das categorias temáticas que nortearam a exploração dos textos. Durante a exploração, procedeu-se à codificação e classificação dos trechos segundo as categorias estabelecidas, buscando identificar padrões e recorrências nas abordagens sobre lazer e população negra. Na fase final, inferência e interpretação, sistematizaram-se os resultados em diálogo com os objetivos da pesquisa e o referencial teórico.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir da aplicação dos descritores (**"negritude" OR "população negra" OR "raça"**) **AND "lazer"**, nas revistas *Licere* e *RBEL*, foi possível identificar cinco artigos que tratam de forma direta acerca da temática das questões étnico-raciais e o Lazer. Os trabalhos analisados distribuem-se entre os anos de 2021 e 2024, demonstrando uma produção bem recente e quantitativamente pouco expressiva sobre a temática contida referidas publicações.



**Tabela 1** – Artigos analisados

Título/Autores	Revista/Ano	Tema central	Metodologia	Principais achados
<i>Negritude, Identidade e Dança – Elisângela Chaves</i>	Licere (2021)	Explora danças afrodiáspóricas como prática de lazer, identidade e emancipação	Ensaio teórico-empírico; análise de projetos socioculturais	Danças como tecnologia de resistência e formação identitária
<i>Breaking the Silences... – Dores et al.</i>	Licere (2022)	Invisibilidade da população negra no lazer; diagnóstico empírico nacional	Pesquisa quantitativo-qualitativa (2.400 entrevistas + análise de conteúdo)	Identifica “epistemicídio” e barreiras específicas para negros(as)
<i>Black Rio! Black Power! – Dores e Costa</i>	Licere (2022)	Narrativas de lazer em Salvador, final do século XIX e início do XX	Tese histórica e análise textual	Relação entre diversão, racismo e afirmação cultural negra
<i>O Lazer como protagonista de resistência... – Falcão e Fernandes</i>	RBEL (2024)	Lazer de jovens negros em Ouro Preto como resistência e memória	Pesquisa-ação em comunidade periférica	Festividade como reapropriação territorial e empoderamento
<i>Salvador território da musicalidade negra... – Mattos</i>	RBEL (2024)	Pagode baiano como prática de Lazer e resistência étnico-racial	Estudo qualitativo teórico-reflexivo	Música como ferramenta educativa de relações étnico-raciais

Fonte: construção dos autores.

Assim, esses artigos foram categorizados, aqui, em dois blocos principais, considerando tanto suas abordagens temáticas quanto os referenciais teóricos e metodológicos adotados, a saber: **Lazer como resistência e empoderamento cultural negro; Lazer e invisibilidades raciais / diagnósticos das desigualdades**. Essa categorização buscou agrupar os estudos com base nas aproximações conceituais e na centralidade das questões analisadas, permitindo uma leitura mais sistemática e aprofundada, bem como a dialética entre as obras elencadas e outros estudos na área do Lazer ou das relações étnico-raciais.



Lazer como Resistência e Empoderamento Cultural Negro

Nesta primeira categoria, agrupam-se os estudos de Chaves (2021), Falcão e Fernandes (2023) e Mattos (2023). Esses trabalhos compreendem o lazer como um espaço de construção de identidades, resistência política e afirmação cultural da população negra. Chaves (2021) destaca o papel das danças de matriz afrodiáspórica como práticas de lazer que funcionam como tecnologias sociais de resistência e empoderamento. A autora argumenta que essas expressões culturais vão além da dimensão estética, configurando-se como espaços de formação crítica e de revalorização da identidade negra. Tal perspectiva dialoga com os apontamentos de Marcellino (2002), ao considerar o lazer como fenômeno cultural, historicamente formado e com potencial emancipador. Nesse viés, Chaves (2021, p. 745) ao abordar a temática cultural negra, tão presente na cultura brasileira em sua pluralidade, cita que

A matriz afrodiáspórica, tão presente em nossos ritos de festa, de religiosidade e de ludicidade, é um fato identitário na pluralidade de expressões da cultura no Brasil. O repertório de danças de matriz africana na cultura brasileira, ou seja, afro-brasileira, não se limita às manifestações recreativas de um grupo cultural. A referência a essas danças como forma de representação e identidade cultural brasileira faz parte do imaginário social, dos registros históricos, das prescrições curriculares sobre a cultura popular e o folclore, das representações de ancestralidade e de resistência das comunidades negras.

Logo, percebe-se a potencialidade cultural presente na matriz afrodiáspórica pode trazer solução para a problemática do Lazer no que tange processos de aculturação ocorridos principalmente com o avanço do Mercolazer (Mascarenhas, 2012) que se utiliza do Lazer como simples ferramenta para estímulo comercial e de consumo. Corroborando com o debate, Falcão e Fernandes (2023), mencionam que a resistência emerge através da ocupação de espaços públicos por estar populações que, por vezes, são marginalizadas dos olhares do poder público no sentido de estímulos à prática da cultura identitária de Lazer no contexto cultural e regional. Os autores destacam que as ações de incentivo ao Lazer representam não apenas formas de sociabilidade, mas também estratégias de enfrentamento ao racismo estrutural e de reafirmação de pertencimento.

Consoante com a discussão traçada, Mattos (2023) investiga o Pagode Baiano como expressão do Lazer e de resistência étnico-racial em Salvador. A autora ressalta que a musicalidade negra, ao ocupar o espaço público e os meios de comunicação, rompe com as formas tradicionais de exclusão, comumente evidenciadas na sociedade brasileira em geral, afirmando-se como instrumento educativo para as relações étnico-raciais. A referida pesquisa



faz parte do processo de doutorado do autor e tem como referencial geográfico a cidade de Salvador, na qual existem peculiaridades acertas das populações negras que podem ser inferidas para muitas outras partes do Brasil e não somente correlacionadas ao povo negro, como também às demais classes, raças, sexos, etnias, dogmas, e diversos outros adjetivos que caracterizem populações desfavorecidas e marginalizadas, ou nas palavras do autor

Diante disso, é aceitável dizer que existe no seio das comunidades pobres da cidade do Salvador uma presença maciça do grupo etnicoracial negro e, com suas diferenças em relação a outros grupos étnicos. Isso faz com que dentro desses territórios sejam elaboradas normas e condutas que estrategicamente garantem a essas identidades uma forma de lidar com o real. Não é possível desprezar as ideologias higienistas ao refletir como estão alocados espacialmente os sujeitos cujo pertencimento racial é negro e cujas condições socioeconômicas estão à margens do real. Em Salvador, a distribuição de renda determina o “morar” do cidadão: as grandes avenidas, com seus condomínios de edifícios são fachadas de um quintal miserável que o turista que vem conhecer a cidade não consegue enxergar, dada a paisagem edificante de lajotas, mármores e jardins (Mattos, 2023, p. 121).

Nota-se, então, a urgente necessidade de se fomentar políticas públicas que reconheçam o Lazer como facilitador da própria prática cultural, isto é, quebrar o paradigma consumista no qual o Lazer de mercado está imerso e ressignificar o Tempo Livre de acordo com as necessidades, ou as ânsias, da majoritária massa populacional brasileira que clama por respeito a seus direitos fundamentais garantidos constitucionalmente e esquecidos na prática (Gomes, 2017). Logo, observa-se que o Lazer, para a população negra, vai muito além do mero entretenimento consumista: é um território de disputa, resistência simbólica e rearticulação de identidades, funcionando como um contraponto às formas históricas de opressão racial.

Lazer e Invisibilidades Raciais/ Diagnósticos das Desigualdades

A segunda categoria reúne produções que denunciam a histórica invisibilidade da população negra nas políticas públicas, nas pesquisas e nas práticas sociais de lazer. Os artigos de destaque nesse eixo são as produções de Dores e Costa (2022), Dores *et al.* (2021), respectivamente denominadas “Black rio! Black power!”: quando o lazer de narrativas negras entra (en)cena” e “Rompendo Os Silêncios Sobre O Perfil Do Lazer Da População Negra No Brasil”.

Desse modo, Dores e Costa (2022) fazem uma análise do documentário que divide a mesma nomenclatura de seu artigo e explora o cotidiano do jovem negro do subúrbio do estado do Rio de Janeiro. A pesquisa denuncia a disparidade racial no cinema brasileiro, o qual



tem uma minoria de diretores negros conduzindo obras cinematográficas. Dores e Costa (2022, p. 4) ressaltam ainda que a origem deste tipo de exclusão racial advém de períodos coloniais e reverbera até os dias atuais

O projeto colonial de invasão ao Brasil deixou, por meio da colonialidade, marcas que fundaram a produção de um imaginário do sistema-mundo moderno pautado pela existência de um padrão mundial de poder de homem-branco-heterossexual europeu, centrado na Europa, de modo que tudo o que foge a esse modelo é determinado como periférico, inferiorizado, marginalizado e de menor importância. Nesse sentido, reconhecemos que a colonialidade é a condição de persistência, na atualidade, da hierarquização racial entre os seres humanos sendo a raça o elemento que orienta e organiza os discursos da modernidade que validam a exploração dos corpos negros em ocupações servis.

Logo, corroborando com Cândido e Junior (2019), a ideia do papel do negro na sociedade brasileira se vê pautada em ideais colonialistas nos quais se tinha processos de escravismo sendo considerados como simples atos comerciais e normalizados pelas sociedades dominantes. Isto é, normalizar o corpo negro em espaços domésticos, servis e subempregos ainda é uma prática amplamente comum na atualidade.

Maneiras de se vestir, de se pentear, de agir, de se comportar e, principalmente, maneiras de se divertir fazem do Lazer ato de resistência do negro contra o racismo estrutural que ainda habita no imaginário do brasileiro. Assim, de acordo com Dores e Costa (2022), a prática do Lazer em espaços tipicamente negros tem dois vieses distintos, o primeiro é de humanização dessa classe esquecida pelo poder público que se vê obrigada a criar seus próprios métodos de fazer o Lazer como por exemplo em festas e bailes em comunidades de menor poder econômico. Em segunda instância, tem-se a segregação racial do Lazer, trazendo Lazeres de brancos e de negros em espaços separados, com práticas separadas, o que reforça o paradigma racial do Brasil.

Nesse sentido, Dores *et al.* (2022) denuncia a ausência quantidade de artigos científicos que tratam da correlação das temáticas do Lazer e da negritude no Brasil, demonstrado que em um país formado pela união de diferentes raças, cores e aspectos fenotípicos seria esperado que estudos acerca dos divertimentos de sua população fossem mais abrangentes. O estudo conduzido por esses autores é resultado da análise dos dados da pesquisa nacional "Lazer no Brasil", com enfoque quantitativo e qualitativo, envolvendo cerca de 2.400 entrevistas. A pesquisa evidencia um fenômeno que Bento (2002) já havia conceituado como racismo institucional, ao demonstrar que os sujeitos negros, especialmente as mulheres negras, enfrentam múltiplas barreiras no acesso a espaços e oportunidades de lazer, o que





dificulta o Lazer em sua completude, impedindo, por vezes, a fruição do caráter contra hegemônico ou de auto aprimoramento que residem no Lazer (Marcellino, 2002).

Dores *et al.* (2022) também introduzem o conceito de epistemicídio, tal como discutido por Santos (2010), para apontar a invisibilidade das experiências negras no campo científico do lazer. A referida ausência reforça o ciclo de marginalização e legitima uma produção acadêmica descolada da realidade vivida por grande parcela da população brasileira. O diagnóstico apresentado revela que, mesmo nas principais revistas da área, como *Licere* e *RBEL*, os estudos que discutem lazer sob a ótica da negritude ainda são numericamente reduzidos e, em sua maioria, concentrados nos últimos quatro anos, demonstrando um avanço recente, porém ainda embrionário acerca de uma temática tão relevante.

Essa lacuna é apontada também por Isayama (2010), ao discutir os limites da produção acadêmica em lazer no Brasil, e reforçada por Gomes (2017), que chama atenção para a necessidade de uma produção científica antirracista, capaz de problematizar as estruturas de exclusão e desigualdade social presentes na quase totalidade das grandes cidades brasileiras. Contribuindo com a discussão acerca da segregação racial nos espaços de Lazer, Dores *et al.* (2022) adverte, também, acerca da segregação existente no Trabalho, espaço no qual o copo negro ainda é visto sob a ótica do Brasil colônia, mesmo após tantos séculos

Nesse sentido, a invasão¹¹ da África e das Américas no século XIV transformou o trabalho (nestes espaços) a partir da cultura do invasor. Com o advento da escravidão¹², a vida dos povos do continente africano foi modificada, ocasionando a diáspora africana e, consequentemente, efeitos que se fazem presentes na sociedade contemporânea (RODRIGUES, 2012). Assim, para abordarmos o contexto da relação de trabalho das pessoas negras no Brasil é necessário considerarmos o passado. Pois, existem raízes estruturais que foram germinadas ao longo do tempo e ainda florescem em maior ou menor escala na atualidade, como o racismo, o desemprego e a violência (Dores *et al.*, 2022, p. 330).

Nesse viés, os autores continuam traçando um panorama histórico das etapas trabalhistas transcorridas na história brasileira, visando aprofundar o entendimento acerca da situação racial atual

- (1) Escravidão: Página nefasta da história em que a população negra foi forçada ao trabalho, retirada violentamente da África e reduzida à condição de mercadoria, tendo o trabalho como sentido de existência¹³;
- (2) Pós-escravidão: As pessoas negras tiveram que disputar postos de trabalho com imigrantes devido ao impulsionamento da imigração como política de embranquecimento da população¹⁴;
- (3) Industrialização e as constantes mudanças no mundo do trabalho que acompanharam o desenvolvimento do capitalismo no Brasil;
- (4) Constituição de 1988: Mesmo sendo questionável o peso que deu para as desigualdades raciais





construídas historicamente, acabou materializando-se como instrumento jurídico maior para parte das lutas antidiscriminatórias e consequentemente por igualdade racial e (5) Atualidade: Final do século XX e início do XXI e a manutenção das desigualdades raciais (Dores *et al.*, 2022, p. 331).

Logo, percebe-se que mesmo após séculos de avanços, a segregação racial é uma constante que reverbera até os dias atuais e culmina na marginalização do povo brasileiro em sua essência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao reunir os dois eixos temáticos, resistência cultural e invisibilidade estrutural, os resultados evidenciam que o campo dos estudos do lazer no Brasil ainda necessita avançar no que tange à abordagem das relações étnico-raciais. Os artigos elencados nesta pesquisa mostram experiências concretas de resistência e luta contra o paradigma racial secularmente imposto, e, ao mesmo tempo, apontam a fragilidade e o apagamento histórico dessas experiências na própria produção científica mediante o baixo número de pesquisas na área étnico-racial correlacionadas com os Lazeress dessas populações.

Nesse sentido, a lacuna existente entre as práticas de resistência vivenciadas nas comunidades negras e a baixa representação dessas vivências nas revistas científicas, conforme evidenciado, reforça a urgência de pesquisas interseccionais, críticas e socialmente comprometidas com a ruptura das amarras ideológicas que ainda segregam um povo advindo da mistura de tantas etnias que se torna impossível identificar com exatidão quais são brancos, pretos ou pardos.

Os artigos elencados nesta pesquisa fazem-nos refletir, principalmente, acerca do porquê a divisão racial afeta de tal maneira as atividades de Lazer a ponto de existirem Lazeress de negros e Lazeress de brancos; Lazeress de ricos e Lazeress de pobres; Lazeress de mulheres e Lazeress de homens. Este tipo de reflexão converge com o ideário apresentado por Dores *et al.* (2022, p. 342) quando questiona “Quais questões estão associadas à falta de tempo, dinheiro, espaço e saúde, constituindo especificidades na vivência (do Lazer) pela população negra?”. Esse tipo de problemática, segundo os autores, ainda não encontra elucidação nas produções científicas do Lazer associado às questões étnico-raciais no Brasil, principalmente, devido à baixa expressividade numérica de estudos que abordem esta temática com exatidão.

Esses achados corroboram a importância de fortalecer políticas editoriais nas revistas científicas da área, trazendo a voga as problemáticas raciais e de ampliar os espaços





de fala e produção para pesquisadores(as) negros(as), como forma de romper com o ciclo de invisibilidade e sub-representação que ainda persiste no campo dos estudos do Lazer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. São Paulo: CEM, 2002.

CANDIDO, Márcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Revista estudos feministas**, v. 27, n. 2, p. 1-14, 2019.

CHAVES, Elisângela. Negritude, identidade e dança: uma leitura a partir das danças de matriz afrodiáspórica no Brasil. **Licere**, v. 24, n. 4, p. 742-762, 2021.

DORES, Lucilene Alencar das *et al.* Rompendo os silêncios sobre o perfil do lazer da população negra no Brasil. **Licere**, v. 24, n. 4, p. 324-356, 2021.

FALCÃO, Denise; FERNANDES, Josué da Silva. O lazer como protagonista de resistência e luta: práticas de jovens negros em Ouro Preto. **Revista brasileira de estudos do lazer**, v. 10, n. 3, p. 118-132, 2023.

FALCÃO, Denise; MARQUES, Yana. O corpo brincante nas práticas sociais e de lazer dos jovens ouro-pretanos. **Revista brasileira de estudos do lazer**, v. 9, n. 2, p. 232-247, 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Dara Roberto; UVINHA, Ricardo Ricci. Barreiras de acesso ao lazer e ausência de políticas públicas: impactos nas juventudes negras do Jardim Brasil – São Paulo. **Licere**, v. 24, n. 4, p. 115-148, 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.

ISAYAMA, Hélder Ferreira. Lazer e formação cultural: o estado da arte das pesquisas no Brasil. **Licere**, v. 13, n. 1, p. 1-24, 2010.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer**: fundamentos e fundamentos pedagógicos. Campinas, SP: Papirus, 2002.

MASCARENHAS, Fernando. **Mercolazer e lazerania**: repensando o lazer em tempos de mercantilização. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.





MATTOS, Ivy Guedes de. Salvador território da musicalidade negra: o pagode baiano como expressão do lazer e da resistência étnico-racial. **Revista brasileira de estudos do lazer**, v. 10, n. 3, p. 95-115, 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2017.

PAULA, Juliana Araújo de. O processo de constituição das deusas do Ébano: dança, mulheres negras e vínculos comunitários no contexto do bloco afro Ilê Aiyê. **Licere**, v. 26, n. 4, 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

TAVARES, Alexandra Lima; LIMA, Luan Pereira; ABRAO, Kelber Ruhena. Lazer no âmbito escolar: o que dizem os documentos referenciais do estado do Tocantins. **Humanidades & inovação**, v. 10, n. 12, p. 250-259, 2023.

Dados do primeiro autor:

Email: kelberabrao@gmail.com

Endereço: Avenida Lourdes Solino, s/nº, Setor Universitário, Miracema do Tocantins, TO, CEP: 77650-000, Brasil.

Recebido em: 23/06/2025

Aprovado em: 04/08/2025

Como citar este artigo:

ABRÃO, Ruhena Kelber; ALCÂNTARA, Caio Vinicius Freitas de. Lazer e relações raciais no Brasil: interfaces entre identidade negra e direitos sociais. **Corpoconsciência**, v. 29, e15228, p. 1-13, 2025.

